

Operário pára construção em São Paulo depois de 24 anos

SÃO PAULO — Depois de um prolongado silêncio de 24 anos — a última greve da categoria foi em 1963 — os operários da construção civil voltam a se manifestar. Na capital paulista e em mais sete municípios de São Paulo, que abrigam cerca de 250 mil trabalhadores nas suas obras, o som dos martelos e serrotes começa a ser sufocado pela insatisfação da categoria, que entrou em greve na quarta-feira. Eles querem o pagamento de três gatilhos já detonados até agora ignorados pela maioria das construtoras. “É a greve de fome e da traição”, diz Manuel Dias do Nascimento, membro da oposição à diretoria do Sindicato dos Trabalhadores na Construção Civil em São Paulo.

Ganhando em média CZ\$ 2 mil 500 líquidos por mês, para uma jornada de trabalho que chega a 10 horas diárias, os

trabalhadores na construção civil em São Paulo dizem-se traídos pelo presidente do sindicato do Município, Décio Lopes, um líder sindical que ocupa ainda o cargo de juiz classista no Tribunal Regional do Trabalho.

Na última semana, Décio Lopes firmou na DRT um novo contrato coletivo com o patronato, em que aceita um piso salarial de CZ\$ 12,00 por hora trabalhada para os ajudantes e de CZ\$ 22,00 para os oficiais. “Até aí, não há nenhuma vantagem”, explica Nascimento. Esse já seria o salário/hora caso as empresas tivessem aplicado os gatilhos de janeiro, março e abril, além do de maio, que oficialmente não vigora para os trabalhadores com data-base em maio, como é o caso da construção civil. Os operários reivindicam um ganho de CZ\$ 33,00 por hora para os ajudantes e de CZ\$ 49,50 para os

oficiais. O acordo feito pelo sindicato pode representar, inclusive, um rebaixamento salarial. No mercado já há quem pague CZ\$ 13,00 para o ajudante e CZ\$ 19 para o oficial, segundo Nascimento.

Se não bastasse os termos desfavoráveis do acordo, segundo Nascimento, ele foi fechado sem que um único boletim tivesse percorrido as obras. Assim, desde quarta-feira, a oposição sindical percorre as obras convocando os trabalhadores a aderirem à greve. Nesta segunda-feira, eles tentarão convencer o sindicato a entrar com ações contra as empreiteiras para o cumprimento da legislação salarial. Mas há dificuldades praticamente intransponíveis para a mobilização. Afinal, a oposição sindical conta com dois carros e 20 pessoas para percorrer 20 mil obras em andamento só na capital paulista.